

Imagens da cidade: concreto e a poética dos centros urbanos

Thaiana Gomes dos SANTOS¹

Mariana Viana OGGIONI²

Cleber CARMINATI³

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

RESUMO

O trabalho traz em seu cerne uma reflexão sobre a abordagem da cidade por um de seus moradores, e como se dá essa interação, quando temos um cidadão como sujeito ativo, que interage e se posiciona diante das imagens que vê e produz. A procura foi aproximar a fotografia do cotidiano urbano e tecnológico, narrado por meio das imagens feitas de celular. Reflete-se nas fotos o tema do fluxo da mobilidade, o moderno e comunicacional; o espaço urbano sob múltiplos ângulos.

PALAVRAS-CHAVE: Cotidiano; Cidade; Fotografia; Mobilidade.

1 INTRODUÇÃO

A convergência das mídias, o avanço tecnológico, o aumento da possibilidade de utilização da Internet e, conseqüentemente, a mobilidade, fizeram com que o telefone celular se tornasse, cada vez mais, um dispositivo móvel que oportuniza a interatividade e o acesso, em tempo real, a vários "lugares". André Lemos destaca em artigo publicado no livro *Nomadismos Tecnológicos* que:

"A questão da mobilidade é central para a discussão do espaço urbano, já que está no cerne de sua evolução, desde as primeiras necrópoles, passando pelos burgos medievais e pela cidade industrial do século XX, com a expansão dos meios de transporte e das mídias de massa. Hoje, a cidade informacional do século XXI encontra seu princípio fundamental na cultura da mobilidade: a mobilidade, sem precedentes, de pessoas, objetos, tecnologias e informação" (BEIGUELMAN (org.); LA FERLA (org.), 2011, p.02)

¹ Aluna líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, e-mail: thaianag@gmail.com.

² Estudante do 7º. Semestre do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, e-mail: marianaoggioni@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, e-mail: clebercarminati@yahoo.com.br.

Percebemos que o quesito mobilidade, a ligação com os espaços das cidades e a transformação das formas que se dão às comunicações, estão sofrendo reajustes consideráveis na presente fase da sociedade da informacional. Uma vez que, dos tipos de isolamento e fragmentação da vida moderna à introdução de tecnologias móveis, tudo isso nos leva a reavaliar o que, de fato, significa proximidade, distância, lugar e mobilidade.

Porém, o que há de se tratar neste artigo é a interação da pessoa com o lugar onde vive e por onde transita, através de telefones celulares. A cidade mostra-se como local, onde sua relação com as redes de comunicação é bastante estreita; pessoas do mundo todo, que têm acesso a um aparelho de celular e sua linguagem, podem discutir, questionar, sugerir e opinar sobre o que observam. Tal "poder" amplia as possibilidades de debate sobre algum conteúdo. O Brasil terminou o mês de março deste ano com 264,05 milhões de celulares e 133,67 aparelhos por 100 habitantes (Anatel). Enviar um SMS, acessar à Internet e fotografar algo durante seu trajeto até o trabalho já são hábitos de muitos. Sobre as práticas diárias com dispositivos móveis, Lemos indica que existe uma busca na criação de formas de se apropriar dos locais urbanos, cada vez mais impessoal, fria e racionalizada; 'publicações' e 'contato permanente' com o outro seriam maneiras de uma apropriação pela "superfície", que consiste em modos de escrita e leitura das relações sociais e dos espaços, uma experiência que o autor declara ser ao mesmo tempo social e estética:

"Talvez possamos ver a superfície das cidades como um lugar de sentido nessa experiência antropológica do passante, do *flâneur*, dos situacionistas, mas também dos novos conectados a dispositivos móveis e a redes sem fio que marcam os lugares públicos. Cria-se mesmo um 'lugar', algo dotado de sentido, na indiferenciação dos espaços urbanos" (LEMOS, 2010, p.163)

Tentar captar imagens visíveis e invisíveis do cotidiano das cidades, emaranhadas de ferro, fios e concreto, coloca-nos diante de uma função particular da fotografia: mostrar uma falta, uma ausência, uma emoção, um fluxo de informação - de gente e/ou de nada. E é nessa linha narrativa do corriqueiro que passa pelos olhos de quem observa a cidade, que as imagens produzem sentido, que preenchem com sentimentos e revelam mais ausências e sensações de pertencimento ou não. Talvez haja até uma recusa de uma estética do real, quando se faz uma fotografia de algo fora de seu contexto habitual. Assim, deseja-se produzir uma matéria, uma crônica fotográfica de coisas que estão no nosso dia a dia.

Portanto, cria-se, com a câmera do telefone móvel, um cotidiano particular. No livro *A Delicadeza: estética, experiência e paisagens*, o pesquisador Denilson Lopes aponta que:

"Para avaliarmos as possibilidades dessa poética do cotidiano é que temos de enfrentar o problema do Real. O que fazer quando o Real se transforma mais e mais em experiência midiática? Seria o Real o último espetáculo, como afirma Zizek (2003, p.31), ou o fim da sociedade do espetáculo, como aponta Baudrillard? Essas questões nos serviram como pano de fundo para marcar o nosso interesse nesse debate sobre a questão do Real na arte contemporânea a partir das presença dos meios de comunicação de massa não só como técnica ou mercadoria, mas experiência, afeto, memória" (LOPES, 2007, p.84).

Sem intencionalidade de apalpar grandes registros de acontecimentos, as imagens reproduzidas pelo celular esboçam sensibilidade e sutileza; sugerem, também, uma antítese: uma pacífica inquietude diante de uma cidade cinza. Observa-se um espaço de oposição à captura de imagens em seu contexto mais objetivo.

2 OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é propor uma reflexão sobre como a prática de reproduzir fotografias com a câmera do celular pode revelar uma outra forma de enxergar e interagir com a cidade. A compreensão das imagens, feitas no dia a dia, anunciam uma estratégia de experimentação de si e uma possível modificação do cotidiano através do encontro com monumentos, edifícios, ruas, em suma, paisagens da cidade.

3 JUSTIFICATIVA

O ato de reproduzir fotografias ocupa um lugar importante junto a outros hábitos rotineiros de algumas pessoas. Andar de ônibus, caminhar pela cidade, olhar pelas janelas... Por isso a fotografia é como um gesto de transposição de subjetividades - passa pelos olhos e por eles se faz um novo cotidiano. Reflete-se nas fotos apresentadas, momentos banais de uma única pessoa que vive em uma cidade.

Mostra-se o lúdico; o espaço urbano sob ângulos não convencionais e usuais. Procura-se, com este trabalho, aproximar a fotografia do cotidiano de uma cidade feita de concretude e poesia. Em meio a isso tudo, é percebido um cotidiano marcado por mundos da interação sujeito-lugar, cujo hábito é construir uma ilusão de pertencer e não pertencer. A poética

aqui proposta é dilacerar a concretude urbana, e provocar um embate entre os espaços e narrativas de intimidade, principalmente a da cidade.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

No trabalho foi utilizado um celular Motorola Motokey modelo EX112 e um Nokia Lumia modelo 710. A câmera de 3 megapixels, com foco fixo e zoom digital, do Motorola, e a de 5 megapixels, do Nokia, com autofoco e duplo LED flash, possibilitaram a reprodução das imagens, em sua maioria, dentro dos ônibus de transporte coletivo. As fotografias não são profissionais, e poderiam ter sido clicadas por qualquer pessoa. Por se tratar de imagens feitas no interior de veículos em movimento, algumas não são focadas; outras estão de cabeça para baixo. O preto e branco é predominante nas fotos, tendo sido usado o editor de imagens do próprio celular ou o programa de edição *Picasa*, para aumentar a saturação, fazendo prevalecer um alto contraste.

Quando possível, a área da fotografia foi pensada e dividida de acordo com a regra dos três terços verticais e horizontais. A maioria dos objetos fotografados eram imóveis, um assunto centralizado, por isso as imagens tenderam a uma característica mais estática, mas nem por isso menos interessantes, uma vez que foram consideradas as curvas e a direção do movimento dos assuntos. Foi feita uma leitura de um deslocamento de percepções da cidade, paisagens, e, fundamentalmente, dos monumentos concretos da urbanidade, por isso a escolha por imagens duras em alto contraste.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

As fotos mostram postes, fios, prédios, semáforos, antenas e céu. Elementos que constituem um cenário comum das cidades. Impressas em papel A4, as imagens vagam por cenas da vida urbana, em busca de uma narrativa que torne plena de significação a imagem da cidade ali construída. As fotografias foram reveladas digitalmente, em papel couchê fosco, para evitar possíveis marcas de impressão e o excesso de brilho, que pode refletir a luz ambiente e dificultar a visão de que olha de longe.

6 CONSIDERAÇÕES

A fotografia em preto e branco está ligada, entre outras coisas, ao registro documental; nos jornais, por exemplo, costumam representar tristes histórias. Toda aura vinda do alto contraste é também elementar, no mais simples ato de se olhar para o objeto a ser fotografado. O nosso cotidiano é, nas fotos, considerado a inserção do olhar do habitante da cidade no tecido concreto dos prédios, fios e todos outros e mais elementos do lugar. O espaço poético é encontrado nos ângulos e nos pontos de vista, nas escolhas da saturação, da exposição à luz, na preferência pelo alto contraste, sem negligenciar o midiático, a mobilidade, a intimidade da pessoa com o que se fotografa.

As imagens estão ancoradas em uma realidade experimental, que se apropria da mobilidade em dois momentos: primeiro, porque se utiliza um aparelho de celular - móvel, essencialmente; segundo, por se reproduzir imagens do interior de ônibus de transporte coletivo, principalmente - movimentando-se nas ruas. Trata-se, portanto, de uma mobilidade em dois eixos, concomitantes. Foi sentida a urgência de fotografar praticamente tudo em ângulos diferentes, não usuais, e sem qualquer elemento humano, na maioria das imagens. A simples vontade de observação fez com que a necessidade de gente nas fotos ficasse cada vez mais dispensável. Mais uma vez, deparamo-nos com um contraponto neste trabalho: a ausência da figura humana nas fotografias, e a forte presença dela, da perspectiva de quem tira as fotos, com seus impulsos que resultam na ação de retratar, representar imagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEIGUELMAN (org.); LA FERLA (org.). **Nomadismos Tecnológicos**. São Paulo: Ed. Senac, 2011. 280 p.

LEMOS, André. **Celulares, Funções pós-midiáticas, Cidade e Mobilidade**. *Revista Urbe*, Porto Alegre, v. 5, n. 2, mai./jun. 2010. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/urbe?dd1=4469&dd99=view>>. Acesso em 30 de abr. 2013.

LOPES, Denilson. **A Delicadeza: estética, experiência e paisagens**. Brasília: Ed.UNB, 2008. 192 p.